



6

*Valéria de Menezes Aragão
Cledes Antônio Casagrande*

AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: os desafios na aprendizagem infantil

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.971.1415

INTRODUÇÃO

Ainda que o mundo já tenha vivenciado contextos de pandemia, a guerra contra a Covid-19 supera cenários catastróficos, como os da Peste Negra no século 14, da Gripe Espanhola no século 20 e da Gripe Suína já no século 21. Isso decorre, principalmente, do fato de a pandemia de coronavírus se dar em um contexto de sociedade globalizada, na qual, em decorrência da alta densidade demográfica, aglomerações urbanas são favorecidas – assertiva que contribui para a alta contaminação de pessoas pelo vírus Sars-COV2.

Diante desse cenário, percebe-se que várias são as consequências nos contextos sociais, econômicos, políticos e, sobretudo, no que se refere ao contexto educacional. Uma vez que as estratégias de controle estão voltadas para medidas restritivas e isolamento social, o setor educacional sofre, inevitavelmente, uma profunda crise.

Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que as escolas tiveram de ultrapassar os limites das paredes e muros. O limitado espaço da sala de aula expande-se a ponto de melhor se adaptar à nova realidade dos alunos – quartos, escritórios, espaços equipados, ou não, passaram a ser o novo cenário da sala de aula. As aulas remotas tornaram-se a estratégia possível para a continuidade das atividades escolares – ainda que pouco seguras quanto ao recurso. Os professores readaptaram suas estratégias para que fosse, assim, possível estabelecer o contato com os alunos.

Nota-se, todavia, que as diversas realidades sociais têm diferentes resultados inerentes desse novo contexto. Segundo dados da Fundação Carlos Chagas, as escolas do mundo todo tiveram de se readaptar ao cenário de pandemia de coronavírus. Professores, funcionários e colaboradores em geral viram-se diante de uma excepcionalidade desafiadora e tiveram de adotar estratégias para garantir o direito

sumário

à educação. No Brasil, segundo dados divulgados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino o que corresponde cerca de 39 milhões de pessoas (FCC, 2020). Isso implica novas demandas mercadológicas e educacionais, posto que, conforme Silva (2001),

É preciso despertar os interesses dos professores para uma nova comunicação com os alunos em sala de aula presencial e virtual. É preciso enfrentar o fato de que tanto a mídia de massa quanto a sala de aula estão diante do esgotamento do mesmo modelo comunicacional que separa emissão e recepção (p. 3).

Nesse ínterim, o professor tem papel de extrema importância na validação do que se pode chamar de mediador da prática pedagógica, uma vez que, por meio de atividades criativas, pode usar a seu favor aquilo que, muitas vezes, o atrapalha. É importante, pois, entender que é a postura do professor ante a tecnologia como um todo que irá fazer dela um benefício, como ressalta Zabala (1998),

É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos. A maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas, e é possível que nem sempre estejam em consonância com o pensamento que temos a respeito do sentido e do papel que hoje em dia tem a educação (p. 29).

Surge aqui uma realidade que desafia professores e estudantes: Como favorecer o aprendizado, por meio das tecnologias, para crianças e adolescentes? Essa é uma questão que merece atenção, uma vez que, para Pádua (2009), “o desenvolvimento da inteligência é a condição para que os seres humanos construam conhecimento sobre o meio”. Assim, é preciso analisar os erros e acertos advindos da educação em tempos de pandemia para que seja possível encontrar as melhores estratégias para a construção de conhecimentos.

AS AULAS REMOTAS E OS DESAFIOS DE ACESSO À TECNOLOGIA


Segundo Nóvoa (2009), as novas tecnologias têm revolucionado o dia a dia das escolas e da sociedade, ou seja, não há mais como pensar o ensino sem incorporar as ferramentas digitais no currículo dos professores – posto que manuseá-las terá papel extremamente relevante à qualidade do ensino e consequente formação dos alunos –, uma vez que a dispersão nas aulas só será evitada caso haja estratégias de manuseio e aproveitamento.

Nessa perspectiva, o ensino a distância surge como uma modalidade que possibilita a democratização do conhecimento, considerando que, mesmo em ambientes diferentes, alunos podem dispor dos mesmos subsídios teóricos a partir de uma aula *on-line* ou remota. Assim, de acordo com Schlemmer (2005, p. 31 apud BACKES; MANTOVANI, 2017, p. 4),

A EAD [Educação a Distância] consiste, então, em um processo que enfatiza a construção e a socialização do conhecimento, assim como a operacionalização dos princípios e fins da educação, de modo que qualquer pessoa, independentemente do tempo e do espaço, possa tornar-se agente de sua aprendizagem, devido ao uso de materiais diferenciados e meios de comunicação que permitam a interatividade (síncrona ou assíncrona) e o trabalho colaborativo/cooperativo.

À vista disso, compreende-se que, por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, a educação vem se modificando, configurando o que se pode chamar de “nova educação”, termo que bem define os desafios a serem superados não somente por professores e alunos, mas também por toda a sociedade, enquanto parcela essencial no processo de ensino e aprendizagem.

sumário



Essa realidade atual implica, na prática docente, vários questionamentos. Afinal, o que representa a figura do professor na sociedade globalizada hodierna? Qual seu papel na construção de uma comunidade mais humana? Para Tardif (2014), “o professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. Não obstante, observa-se que, longe de ser o detentor absoluto do saber, o professor do século 21 é, acima de tudo, um ser que está em processo de aprendizado. Isso ocorre porque a inovação tecnológica fez rachar as antigas práticas descritas em manuais que não sustentam a atual realidade; logo, ser professor é aceitar que não saber usar a tecnologia a seu favor é conviver com o fadado fracasso profissional.

Quanto a isso, Nóvoa (2009) complementa que é importante o professor reconhecer o valor social que exerce, sem negligenciar a necessidade de renovação de práticas, pois

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias (p. 13).

Isso traz à tona algumas dificuldades comuns na rotina escolar. O que se observa, hoje, é a imensa lacuna que existe entre o que sabem professores e o que sabem os alunos acerca da tecnologia. Por menor recurso financeiro que disponha, boa parte dos alunos faz uso de aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores. Além disso, a internet é peça fundamental nas relações sociais estabelecidas – os alunos sabem usar aplicativos de conversas, enviar *e-mails*, mas não sabem fazer consultas simples no dicionário, por exemplo. Diante desse cenário, urge que, para acompanhar o acelerado desenvolvimento da tecnologia, o professor precisa buscar intimidade com esses recursos a fim de que não se torne refém do próprio sistema, uma vez que a tendência moderna é ampliar o uso das tecnologias como estratégia de ensino.

O outro ponto da questão está relacionado às demandas específicas de crianças em idade escolar. As estratégias metodológicas para esse grupo etário não podem ser as mesmas utilizadas para jovens e/ou adultos, posto que as crianças apresentam uma série de especificidades que colocam em xeque práticas padronizadas para aulas remotas. De acordo com Moran (2004, p. 1), o aprendizado se dá de “formas diferentes e em ritmos diferentes e temos ferramentas mais adequadas para monitorar esses avanços”, ou seja, não será possível alcançar êxito no ensino de crianças se estratégias adaptadas a esse grupo não forem adotadas.

Dessa maneira, o uso das tecnologias digitais, instrumentos viabilizadores das aulas remotas, impulsiona um novo modelo de educação, uma vez que motiva os educadores na busca de novas estratégias de ensino, sobretudo no que se refere ao ensino de crianças e adolescentes.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES ANTE A TECNOLOGIA: A APRENDIZAGEM SOB A LUZ DE PIAGET

É notória a falta de interesse dos alunos em aprender conceitos abstratos e materializados nas disciplinas ensinadas nas escolas. Muitos alunos frequentam as aulas, mas não conseguem associar os conteúdos apreendidos com a realidade que os circunda – premissa que clarifica a necessidade de buscar estratégias metodológicas que possibilitem dar significação aos conteúdos ensinados pelos professores.

É “necessário mostrar a importância que tais matérias podem ter na formação humana e no alargamento do horizonte e dos conhecimentos” (PAIS, LACERDA, OLIVEIRA, 2017). Sob essa pers-

pectiva, é válido considerar que, caso isso não seja uma realidade, a escola cada vez mais se distanciará da sua função social: a formação de cidadãos capazes de melhorar a realidade em que vivem.

Quanto a essa questão, Piaget (1978) considera que os processos de conhecimento poderiam depender dos mecanismos de equilíbrio orgânico. Em outras palavras, associando à realidade globalizada, pode-se inferir que o conhecimento não é construído a partir de modelos padronizados, e nem somente pela influência do meio ao qual está inserido o indivíduo, mas na interação entre aquele que aprende e aquilo que é ensinado.

A realidade de muitas escolas, infelizmente, vai de encontro aos pressupostos piagetianos, uma vez que as estratégias pedagógicas adotadas durante a pandemia não foram sensíveis às condições básicas necessárias ao aprendizado das crianças e adolescentes. Há, aqui, dois vieses a serem analisados: o primeiro diz respeito às crianças e adolescentes que nem sequer tiveram acesso a aulas remotas, ficando excluídas do acesso ao conhecimento; o segundo relaciona-se àquelas que, mesmo tendo esse acesso, não tiveram suas particularidades respeitadas, sendo submetidas a exaustivas horas em frente a telas de celulares e computadores.

Em vista do primeiro pressuposto, vale considerar que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros e impossível para um vasto grupo de cuidadores, cuja missão é tornar possível a quarentena ao conjunto da população” (SANTOS, 2020, p. 15). Muitos foram os que, desde o início da pandemia, não puderam usufruir do direito básico de acesso ao conhecimento, seja ele na escola ou por estratégias metodológicas desenvolvidas pela escola. Nesse contexto, esse hiato dificulta o desenvolvimento de funções cognitivas elementares, posto que, para Piaget (1978), cada fase do desenvolvimento deve ser considerada como formada por estruturas diferentes em quantidade e qualidade,

sumário

isto é, ao não terem acesso à escola, muitas crianças e adolescentes perderam oportunidades para desenvolver talentos e habilidades específicas a determinada etapa do aprendizado. Dessa forma, inúmeros são os prejuízos sofridos, sobretudo pela desigualdade persistente na sociedade brasileira.

Outro ponto a ser analisado diz respeito aos estudantes que, tendo a possibilidade de acesso às aulas remotas, não obtiveram êxito nesse processo. Isso decorre de estratégias metodológicas tradicionais que foram disfarçadas pelas tecnologias digitais. Muitas crianças foram expostas a horas em frente a telas de computadores, condicionadas a estratégias que não se adequam ao modelo de educação tecnológica – na verdade, trata-se mais de uma transmissão *on-line* de aulas tradicionais do que uma educação pautada em metodologias ativas, por exemplo. Considerando os estágios de desenvolvimento do conhecimento de Piaget, entre dois e sete anos a criança possui uma inteligência representativa e intuitiva, ou seja, se instigada, sente-se curiosa para entender os porquês dos fenômenos que as cerca – fruto da aquisição da linguagem mais elaborada. Sem estratégias eficientes, essas necessidades são negligenciadas e muitas oportunidades de aprendizado perdidas. Ao atingirem o próximo estágio, denominado operatório-concreto – crianças entre 7 e 12 anos –, a formação lógica dos conceitos deve ser possível, mas, se não forem desenvolvidas as habilidades do estágio anterior, isso também será comprometido. Segundo Piaget ([1947]),

Deve-se julgar cada estrutura como sendo uma forma particular de equilíbrio mais ou menos estável no seu campo restrito, e instável quanto a seus próprios limites. Mas essas estruturas, escalonadas por setores, devem ser consideradas como sucedendo-se em conformidade com uma lei de evolução tal, que cada uma assegure o equilíbrio, mais amplo e mais estável, aos processos já no seio precedente (p. 28).

Um novo cenário, portanto, exige uma nova postura de todos os atores envolvidos na construção do conhecimento. Para isso, é impres-

sumário

cindível a adaptação de estratégias que possibilitem a troca de conhecimentos e favoreçam o acesso democrático à educação. Embora a educação seja um direito garantido por lei, o que se vê, principalmente nesse contexto pandêmico, é um abismo cada vez maior entre aqueles que têm e os que não podem ter acesso às premissas da lei.

METODOLOGIA

A pesquisa em tela tem abordagem qualitativa, a qual é definida por Gil (2008) como aquela que não utiliza dados estatísticos na sua análise, ou seja, trata-se de uma observação desde um ponto de vista mais subjetivo. Com relação à tipologia, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, uma vez que recorreu a artigos científicos e livros sobre a temática.

A análise dos desafios na aprendizagem infantil durante as aulas remotas em tempos de pandemia tem natureza qualitativa, a partir da análise de teóricos da literatura e pesquisa em educação. Para isso, a revisão bibliográfica serve de subsídio para a análise dos fenômenos e das dificuldades enfrentadas pelos alunos e pelos professores nos novos contextos da sala de aula. Por se tratar de uma dinâmica rapidamente renovável – considerando que a todo momento novos instrumentos e novas tecnologias estão surgindo –, muito ainda pode ser descoberto e analisado para alcançar o êxito da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser professor já é, por origem, uma atividade desafiadora. Desde sempre sabe-se da relevância social exercida por essa classe – mudam-se os contextos, mas aquele que facilita o conhecimento sempre

será alguém com poder de transformação social. Nesses tempos de incertezas, os desafios para continuar tal missão foram maximizados; tudo ganhou proporções que, muitas vezes, fugiram do controle.

Diante disso, o olhar cauteloso, a empatia e o amor pela profissão passaram a ser o diferencial nesse contexto. Preocupar-se com os alunos, com as especificidades de cada criança e adolescente é tarefa que ultrapassa os aparatos teóricos: é a chave para a real troca de conhecimentos.

As crianças e os adolescentes, na maioria das vezes, necessitam apenas disso, isto é, da sensibilidade do professor em perceber suas falhas e, com amor, ajudar a superá-las. Como a tecnologia por ser o instrumento facilitador em tempos de isolamento? Cabe ao professor ir além das telas, além das máquinas. O professor é aquele que, mesmo em tempos sombrios, proporcionará às crianças e adolescentes a oportunidade de se tornar um sujeito ativo e essencial na sociedade.

REFERÊNCIAS

BACKES, L.; MANTOVANI, A. M. **A formação do educador no contexto do hibridismo tecnológico digital:** o processo de autonomia. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=15322&dd99=view&d-d98=b>. Acesso em: 7 ago. 2020.

FCC. Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica. Fundação Carlos Chagas, informe nº 1, 2020. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2020/06/educacao-pandemia-a4_16-06_final.pdf Acesso em: 12 de ago. de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 12, p. 13-21, maio/ago. 2004. Quadrimestral.

NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C.; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educ. Rev. [on-line]**, n. 64, p. 301-313, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.50119>

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência**. Tradução Egléa de Alencar. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, [1947], 1961.


PIAGET, J. **A epistemologia genética, sabedoria e ilusões da filosofia, problemas de epistemologia genética** – Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILVA, M. Sala de aula interativa: a educação presencial e a distância em sintonia com a era digital e com a cidadania. **Boletim Técnico do Senac**, 27, n. 2, p. 42-49, 2001. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/567>

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



sumário